

AGROPECUÁRIA

Comércio exterior do agronegócio: primeiro trimestre de 2024

O agronegócio brasileiro fechou o primeiro trimestre com superávit acumulado de US\$ 32,23 bilhões – crescimento de 2,8% em relação ao mesmo período do ano anterior (tabela 1).¹ As exportações do setor somaram US\$ 36,83 bilhões, enquanto as importações, US\$ 4,60 bilhões – valores estes 2,9% e 3,7%, respectivamente, acima dos observados em 2023. Considerando os produtos de todos os setores, o saldo da balança comercial no primeiro trimestre também foi superavitário em US\$ 19,08 bilhões – isto é, US\$ 3,47 bilhões a mais em relação ao valor registrado no mesmo período do ano anterior.

Em termos de participação, as importações do agronegócio representaram 7,78% do total importado pelo Brasil no primeiro trimestre de 2024, mantendo-se relativamente estável ante igual período anterior (tabela 1). De modo similar, a participação do setor no total exportado entre janeiro e março deste ano apresentou ligeira queda de 0,13 ponto percentual (p.p.) em comparação com igual período anterior, chegando a 47,06%.

Em relação ao saldo da balança comercial do agronegócio, este apresentou expressiva recuperação em março em comparação à estabilidade observada nos dois primeiros meses do ano (gráfico 1). Mais especificamente, enquanto o setor apresentou superávits de US\$ 9,83 bilhões e US\$ 9,99 bilhões em janeiro e fevereiro, respectivamente, o saldo comercial em março atingiu a marca de US\$ 12,42 bilhões. Ainda que esse movimento de alta observado em março represente o início do período de maior comercialização de produtos do agronegócio durante os próximos meses, o superávit mensal auferido foi 13,3% inferior ao observado no mesmo mês de 2023.

Diego Ferreira

Pesquisador Associado Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea)

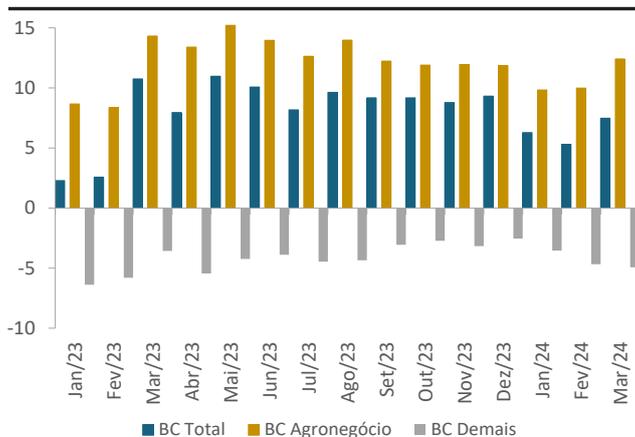
diego.ferreira@ipea.gov.br

Divulgado em 16 de abril de 2024.

GRÁFICO 1

Saldo da balança comercial: total, agronegócio e demais setores (jan./2023-mar./2024)

(Em US\$ bilhões)



Fonte: Comex Stat/Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais (Secint).

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

1. Cálculos baseados nos dados da Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais (Secint).

TABELA 1

Balança comercial: total, agronegócio e demais setores – acumulado no ano até março

Setores	Exportações			Importações			Saldo	
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ bilhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ bilhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ bilhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ bilhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ bilhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ bilhões)
Total	75,86	78,27	3,2	60,25	59,19	-1,8	15,61	19,08
Agronegócio	35,80	36,83	2,9	4,44	4,60	3,7	31,36	32,23
Demais bens	40,06	41,44	3,4	55,81	54,59	-2,2	-15,76	-13,15
Participação do agronegócio (%)	47,19	47,06	-	7,37	7,78	-	-	-

Fonte: Comex Stat/Secint.

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Dimac/Ipea.

Em consonância com o aumento de 2,8% no saldo da balança comercial do agronegócio no primeiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período de 2023, *commodities* como açúcar, algodão, café, carne bovina e sucos se destacaram com as maiores altas acumuladas em termos de valor exportado no comparativo. Sendo o terceiro produto mais exportado no primeiro trimestre de 2024, a comercialização de açúcar atingiu a marca de US\$ 4,77 bilhões no período, valor este 111,7% superior ao observado no mesmo período do ano passado (tabela 2). A valorização acumulada de 18,9% no preço médio de exportação nos últimos três meses reflete tanto as incertezas referentes à oferta do açúcar na próxima safra 2024/2025 quanto a trajetória de alta nas cotações internacionais do petróleo. Em termos de volume, os 8,9 milhões de toneladas embarcados de açúcar no trimestre representam um crescimento de 78% ante o resultado acumulado nos três primeiros meses de 2023. O expressivo avanço do volume exportado brasileiro é resultado de um cenário adverso em termos de produtividade de importantes *players* no mercado mundial de açúcar, como a Índia, a Tailândia e os Estados Unidos. No entanto, ressalta-se que, de acordo com o último Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há previsão de ligeira queda na área plantada e na produção de açúcar no Brasil em 2024 ante o resultado observado de 2023, ainda que isto não represente propriamente quebra da atual safra.

TABELA 2

Exportações do agronegócio: produtos selecionados em alta – acumulado no ano até março

Produtos	Valor			Quantidade			Preço médio		
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ milhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ milhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (1 mil toneladas)	Jan./2024 a Mar./2024 (1 mil toneladas)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$/t)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$/t)	Variação (%)
Açúcar	2.255,47	4.773,74	111,7	4.999,92	8.901,00	78,0	451,10	536,32	18,9
Algodão	458,95	1.460,20	218,2	243,78	766,94	214,6	1.882,64	1.903,95	1,1
Café	1.854,33	2.423,85	30,7	478,86	672,07	40,3	3.872,40	3.606,53	-6,9
Carne bovina	2.222,92	2.635,15	18,5	475,24	598,38	25,9	4.677,47	4.403,77	-5,9
Sucos	611,18	717,33	17,4	703,16	727,20	3,4	869,19	986,43	13,5

Fonte: Comex Stat/Secint.

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Dimac/Ipea.

A exportação de algodão, por sua vez, também apresentou resultados favoráveis neste primeiro trimestre, com valor comercializado total de US\$ 1,46 bilhão – um expressivo aumento de 218,2% no comparativo com o mesmo trimestre do ano passado (tabela 2). Em relação ao volume embarcado, foram exportadas 766,94 mil toneladas de algodão entre janeiro e março deste ano, volume 214,6% superior ao registrado no mesmo período de 2023. Já o preço médio de comercialização acumulou ligeira valorização de 1,1% no comparativo interanual. Diante de um cenário de aquecimento da demanda mundial – principalmente em virtude da estratégia chinesa de recomposição de seus estoques – *pari passu* com a queda nos preços internos da pluma, a maior remuneração internacional tem levado parte dos agentes brasileiros a dar prioridade a negociações no mercado externo.

Embora o café tenha apresentado queda de 6,9% em seu preço médio de exportação, atingindo a média de US\$ 3.606,53 por tonelada no primeiro trimestre de 2024, a intensificação de 40,3% no fluxo comercial da *commodity*, com 672,07 mil toneladas embarcadas, resultou no valor total exportado de US\$ 2,42 bilhões – crescimen-

to de 30,7% ante a receita acumulada nos primeiros três meses de 2023 (tabela 2). Tal alta nas negociações se deve, sobretudo, à maior demanda externa pelo café robusta brasileiro diante das adversidades enfrentadas pelo Vietnã e pela Indonésia. Ademais, os conflitos ocorridos no Mar Vermelho ao final de 2023 e início de 2024 dificultaram o escoamento da produção asiática para a Europa, repercutindo positivamente na *performance* comercial do setor no último trimestre.

Entre o complexo carnes, a carne bovina foi a única variedade a apresentar alta em termos de valor exportado no primeiro trimestre de 2024. Enquanto a bovinocultura brasileira comercializou US\$ 2,2 bilhões nos três primeiros meses de 2023, US\$ 2,64 bilhões foram recebidos pelos produtores nacionais no mesmo período de 2024, o que representa uma alta de 18,5% no comparativo interanual (tabela 2). Apesar da desvalorização de 5,9% no preço de exportação da *commodity*, que atingiu a média de US\$ 4.403,77 por tonelada entre janeiro e março deste ano, a atividade apresentou aumento de 25,9% no volume embarcado. Contudo, ainda que a receita de exportação da bovinocultura nacional tenha apresentado relativa recuperação em termos de comparativo interanual, o resultado acumulado no primeiro trimestre de 2024 ainda é cerca de 8% inferior ao observado no mesmo período de 2022, em valores correntes. Já no comparativo com o valor acumulado nos últimos três meses de 2023, o valor exportado no primeiro trimestre de 2024 é 9,8% inferior. Apesar da demanda internacional retraída nos últimos meses, a melhora relativa na posição do Brasil no mercado externo de carne bovina se deve, de modo geral, à intensificação dos fluxos comerciais do setor com o México, os Emirados Árabes e a Turquia.

Por fim, a comercialização de sucos no primeiro trimestre de 2024 apresentou alta de 17,4%, em termos de valor, e 3,4%, em termos de volume, ante os resultados observados entre janeiro e março do ano passado (tabela 2). Mais especificamente, US\$ 717,33 milhões foram comercializados no último trimestre, o que corresponde a 727,20 mil toneladas embarcadas. Com relação ao preço médio, houve valorização de 13,5% ante o mesmo período do ano passado, atingindo o patamar médio de US\$ 986,43 por tonelada neste último trimestre.

No comparativo do primeiro trimestre de 2024 com o mesmo período do ano anterior, entre os produtos acompanhados pelo Ipea, as principais quedas no valor exportado acumulado foram observadas no complexo soja, no complexo carnes (com destaque para as carnes de frango e suína) e nos cereais (tabela 3). Embora a soja seja o item de importância na pauta de exportação brasileira, o primeiro trimestre de 2024 para o complexo apresentou queda de 10,7% em seu valor exportado, no comparativo com o mesmo período de 2023. Em termos percentuais, a maior queda – de cerca de 70,8% – foi registrada para o óleo de soja. Mais especificamente, enquanto a receita de exportação do derivado foi de US\$ 795,72 milhões entre janeiro e março de 2023, o resultado de 2024 foi de apenas US\$ 232,28 milhões no mesmo período. A retração de 62,9% no volume embarcado e a desvalorização de 21,4% no preço médio de exportação explicam esse resultado. O cenário de queda nos preços internacionais e de impulso de demanda interna, reflexo do aumento da mistura de biodiesel no diesel nacional, reduziu o ímpeto de exportação por parte das esmagadoras, que reorientaram o destino do derivado para o mercado interno. Com o objetivo de mitigar potenciais efeitos adversos sobre o preço mediante a maior produção de biodiesel, a indústria alimentícia brasileira tem recentemente adotado uma estratégia de estocagem de óleo de soja, o que também tem indiretamente contribuído para a reorientação do derivado para o mercado interno.

No caso do farelo de soja, a retração de 14% em seu preço médio foi parcialmente compensada pela alta de 14,9% em sua quantidade exportada, resultando na ligeira queda de 1,2% no montante exportado acumulado entre janeiro e março de 2024 ante o mesmo período do ano passado (tabela 3). A generalizada desvalorização externa enfrentada pelo setor está atrelada à baixa demanda pela oleaginosa norte-americana, que tem pressionado os preços dos contratos de comercialização em Chicago.

Líder na pauta de exportação do agronegócio brasileiro, os embarques da soja em grãos cresceram 15,7% no primeiro trimestre de 2024 em face do resultado do mesmo período do ano passado (tabela 3). Em números abso-

lutos, foram exportados 22,09 milhões de toneladas de soja entre janeiro e março deste ano, enquanto as vendas desse período em 2023 totalizaram 19,1 milhões de toneladas. Embora a intensificação nos fluxos comerciais da oleaginosa reflita o avanço das negociações de contratos a termo realizados ainda em 2023, a baixa demanda pela soja estadunidense e a expectativa de recuperação das lavouras argentinas e brasileiras têm limitado os preços de comercialização, o que, por sua vez, têm restringido sua receita de exportação. De fato, neste primeiro trimestre de 2024, a tonelada de soja em grãos foi comercializada, em média, a US\$ 442,39, valor 20,9% inferior ao observado no mesmo trimestre de 2023. Assim, a receita de exportação acumulada nos três primeiros meses deste ano foi de US\$ 9,77 bilhões ante US\$ 10,68 bilhões acumulados no mesmo período de 2023 – queda de 8,4%.

TABELA 3

Exportações do agronegócio: produtos selecionados em queda – acumulado no ano até março

Produtos	Valor			Quantidade			Preço médio		
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ milhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ milhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (1 mil toneladas)	Jan./2024 a Mar./2024 (1 mil toneladas)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$/t)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$/t)	Variação (%)
Complexo soja	13.938,25	12.444,53	-10,7	-	-	-	-	-	-
Soja em grãos	10.675,12	9.773,83	-8,4	19.097,91	22.093,48	15,7	558,97	442,39	-20,9
Farelo de soja	2.467,40	2.438,43	-1,2	4.541,57	5.220,33	14,9	543,29	467,10	-14,0
Óleo de soja	795,72	232,28	-70,8	653,38	242,55	-62,9	1.217,85	957,65	-21,4
Carnes	5.523,27	5.014,06	-9,2	-	-	-	-	-	-
Carne de frango	2.531,04	1.665,12	-34,2	1.285,05	928,10	-27,8	1.969,60	1.794,11	-8,9
Carne suína	640,69	586,36	-8,5	270,64	276,02	2,0	2.367,27	2.124,36	-10,3
Cereais	3.502,02	2.207,40	-37,0	-	-	-	-	-	-
Milho	2.826,98	1.626,53	-42,5	9.745,61	7.016,55	-28,0	290,08	231,81	-20,1
Trigo	552,12	464,39	-15,9	1.702,62	2.060,14	21,0	324,28	225,42	-30,5
Arroz	121,15	104,14	-14,0	301,11	190,40	-36,8	402,34	546,93	35,9

Fonte: Comex Stat/Secint.

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Dimac/Ipea.

Notas: ¹ O produto carne bovina foi omitido do grupo carnes por ter apresentado alta em seu valor exportado no comparativo entre os períodos de análise. Já o produto demais carnes foi omitido por possuir baixa participação no valor total do referido grupo, além de ter apresentado relativa estabilidade em seu valor exportado no comparativo entre os períodos de análise. Ainda assim, o valor exportado do grupo carnes representa o somatório dos quatro produtos considerados no grupo, conforme tabela A.1 no apêndice.

² O produto demais cereais foi omitido do grupo cereais por possuir baixa participação no valor total do referido grupo. Ainda assim, o valor exportado do grupo representa o somatório dos quatro produtos considerados, conforme tabela A.1 no apêndice.

Apesar de o primeiro trimestre de 2024 ter sido um período favorável para a bovinocultura brasileira, a receita de exportação do grupo carnes – composto por carne bovina, carne de frango, carne suína e demais carnes – totalizou US\$ 5,01 bilhões no período, isto é, uma retração de 9,2% em relação ao valor observado no primeiro trimestre de 2023 (tabela 3). Mais especificamente, a maior queda de comercialização se refere à carne de frango, que totalizou US\$ 1,67 bilhão entre janeiro e março deste ano, valor este 34,2% inferior ao resultado do mesmo período de 2023. Enquanto a tonelada de frango foi vendida, em média, a US\$ 1.794,11 nos três primeiros meses deste ano (queda de 8,9% no comparativo interanual), os embarques totalizaram 928,10 mil toneladas – cerca de 356,95 mil toneladas abaixo do nível comercializado entre janeiro e março de 2023 (queda de 27,8% no comparativo interanual). Entretanto, deve-se ponderar que o primeiro trimestre de 2023 apresentou comportamento atípico no fluxo de exportação da avicultura brasileira, com março do referido ano, inclusive, atingindo o valor máximo da série histórica divulgada pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Deste modo, em termos de tendência, a comercialização registrada no primeiro trimestre de 2024 está em acordo com o fluxo esperado para o setor. Para os próximos meses, espera-se relativo aumento na participação dos exportadores brasileiros de carne de frango, especialmente em razão do recente cenário de *influenza* aviária em alguns dos países concorrentes.

A dinâmica de preços da carne suína também se encontra aquém da observada nos três primeiros meses de 2023 (tabela 3). No comparativo interanual, o preço médio da tonelada apresentou queda de 10,3%, passando de US\$ 2.367,27, no primeiro trimestre de 2023, para US\$ 2.124,36, no primeiro trimestre de 2024. A relativa desvalorização é reflexo da maior disponibilidade do produto no mercado internacional, diante de um cenário favorável em termos de custos da ração animal. Ainda assim, o volume embarcado pela suinocultura brasileira

apresentou aumento de 2%, no comparativo interanual, atingindo a marca de 276,02 mil toneladas enviadas ao exterior entre janeiro e março de 2024. Apesar de a China – principal destino da carne suína brasileira – ter reduzido em 48,9% a importação da proteína *in natura* do Brasil nos três primeiros meses deste ano ante o mesmo período de 2023, a diversificação do mercado externo pelo setor traz relativa resiliência à atividade. De fato, destinos como Filipinas, Chile, Japão e Coreia do Sul têm mais do que compensado a queda dos embarques chineses – conjuntamente, a receita de exportação referente a esses quatro destinos totalizou, no primeiro trimestre de 2024, US\$ 203,36 milhões, o que representa 34,68% do valor total exportado no período e um crescimento de 69,26% em relação ao mesmo trimestre de 2023. Essa maior presença do Brasil no cenário internacional se deve, em grande parte, ao rigoroso padrão de biossegurança adotado na cadeia produtiva de suínos e seus derivados – padrão este que vem sendo reconhecido pelos principais mercados consumidores mundiais e, conseqüentemente, fomentado a comercialização da proteína. No entanto, ainda que os embarques tenham se intensificado, estes não foram capazes de compensar o efeito preço da desvalorização observada, ocasionando a queda de 8,5% no valor exportado do setor, no comparativo interanual. Em termos monetários, a receita de exportação da suinocultura brasileira passou de US\$ 640,69 milhões, no primeiro trimestre de 2023, para US\$ 586,36 milhões, no primeiro trimestre de 2024.

Embora tenha mantido relativa importância na pauta de exportação brasileira, o primeiro trimestre de 2024 para a cadeia de cereais foi particularmente desafiador. Com queda de 37% no valor exportado do setor, as exportações de cereais registraram o montante acumulado de US\$ 2,21 bilhões nos três primeiros meses de 2024 em relação aos US\$ 3,5 bilhões recebidos em 2023 (tabela 3). As maiores quedas se concentraram na comercialização de milho, ainda que trigo e arroz também tenham sofrido baixas no período. O resultado acumulado no primeiro trimestre deste ano mostra que o volume embarcado de milho caiu 28% ante o mesmo período de 2023, atingindo a marca de 7,02 milhões de toneladas comercializadas. Todavia, a concomitante queda de 20,1% no preço médio de exportação culminou na retração de 42,5% no valor exportado acumulado pelo setor entre janeiro e março de 2024. Em termos monetários, essa queda no valor exportado acumulado representa uma redução de US\$ 1,29 bilhão ante o montante acumulado no primeiro trimestre de 2023. Ainda assim, como no caso da carne de frango, é importante ressaltar que o resultado comercial do cereal no início de 2023 reflete um comportamento atípico no fluxo de comercialização pelo setor, resultante da produção recorde no ciclo 2022/2023 e da abertura do mercado chinês. Portanto, quando considerado o padrão histórico de comercialização do período, o resultado auferido no primeiro trimestre de 2024 também se encontra em consonância com o comportamento esperado para o setor.

Para o trigo, o volume embarcado no primeiro trimestre de 2024 apresentou crescimento de 21% ante o mesmo período de 2023, registrando a marca de 2,06 milhões de toneladas comercializados entre janeiro e março (tabela 3). A alta na quantidade comercializada do cereal reflete o relativo bom momento da safra atual, em termos de produtividade, e a maior competitividade brasileira no mercado internacional diante das dificuldades logísticas recentemente enfrentadas pelos Estados Unidos. Perante a queda de 30,5% no preço médio de exportação entre janeiro e março deste ano, ainda que sob um cenário de maior demanda mundial por trigo no comparativo interanual, a receita de exportação do setor totalizou US\$ 464,39 milhões – queda de 15,9% ante o resultado acumulado no primeiro trimestre de 2023. A perspectiva para os próximos meses é de preços internacionais mais pressionados em resposta à estratégia de estocagem dos produtores, que buscam a recomposição das margens da atividade. Além disso, é importante ressaltar que a recente proibição da exportação de trigo pela Rússia deve intensificar as pressões sobre os preços de comercialização nos próximos meses.

Por fim, a receita de exportação do arroz também apresentou relativa retração no primeiro trimestre de 2024 (tabela 3). Enquanto nos primeiros três meses de 2023 foram exportados US\$ 121,15 milhões em arroz, o montante para o mesmo período de 2024 foi 14% inferior: US\$ 104,14 milhões. Ainda que o preço médio de

exportação tenha crescido 35,9% no comparativo interanual, este resultado positivo foi compensado pela queda de 36,8% no volume embarcado. A expectativa é de melhora da posição do setor nos próximos meses diante da manutenção da demanda internacional e da menor disponibilidade do grão, o que potencialmente pode garantir uma janela de exportação para o Brasil.

Pelo lado das importações, os destaques no primeiro trimestre de 2024 são borracha, malte, trigo, milho, pescados, arroz e soja em grãos (tabela 4). Para a borracha, o valor importado acumulado entre janeiro e março deste ano atingiu a marca de US\$ 47,85 milhões comercializados, o que representa uma queda de 24,4% ante o mesmo período de 2023. No comparativo interanual, a valorização de 7,1%, em termos de preço médio de importação, foi compensada pela queda de 29,4% no volume embarcado com destino ao Brasil. Mais especificamente, a importação de borracha passou de 42,55 mil toneladas, no primeiro trimestre de 2023, para 30,06 mil toneladas, no primeiro trimestre de 2024. Já em termos do preço médio, enquanto a tonelada importada era comercializada a US\$ 1.487,07 no primeiro trimestre de 2023, esta passou a ser negociada a US\$ 1.591,95 no primeiro trimestre de 2024.

TABELA 4

Importações do agronegócio: produtos selecionados – acumulado no ano até março

Produtos	Valor			Quantidade			Preço médio		
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ milhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ milhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (1 mil toneladas)	Jan./2024 a Mar./2024 (1 mil toneladas)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$/t)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$/t)	Variação (%)
Borracha	63,28	47,85	-24,4	42,55	30,06	-29,4	1.487,07	1.591,95	7,1
Malte	212,38	178,61	-15,9	332,08	278,01	-16,3	639,53	642,47	0,5
Trigo	407,31	407,03	-0,1	1.160,84	1.656,04	42,7	350,87	245,79	-29,9
Milho	42,92	43,55	1,5	189,21	243,79	28,8	226,82	178,65	-21,2
Pescados	444,67	484,86	9,0	89,32	90,67	1,5	4.978,18	5.347,73	7,4
Arroz	117,58	195,85	66,6	265,75	328,53	23,6	442,45	596,14	34,7
Soja em grãos	41,58	84,22	102,6	84,34	200,23	137,4	492,97	420,62	-14,7

Fonte: Comex Stat/Secint.

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Dimac/Ipea.

Embora o preço médio de importação do malte tenha permanecido relativamente estável no comparativo entre o primeiro trimestre de 2024 e o mesmo período do ano passado, com ligeira alta de 0,5%, o volume embarcado para o Brasil foi 16,3% inferior (tabela 4). Em termos de valor importado, a consequente queda foi de 15,9%, com o acumulado nos últimos três meses atingindo a marca de US\$ 178,61 milhões comercializados. As melhores condições de oferta nacional de cevada contribuíram para a menor dependência de importação do produto. De fato, em relação a 2023, o LSPA/IBGE estima que a produção brasileira de cevada deva aumentar 8,6% em 2024.

Preços mais competitivos no mercado internacional estimularam a importação de trigo entre janeiro e março de 2024 (tabela 4). Embora o setor tritícola brasileiro tenha exportado 2,06 milhões de toneladas de trigo no primeiro trimestre deste ano (tabela 3), ainda assim foi importado 1,65 milhão de toneladas do produto, o que representa um crescimento de 42,7% no volume destinado ao Brasil. Isto se à estratégia dos moinhos nacionais de buscarem melhores condições de preço no mercado internacional, além da oferta restrita do trigo tipo 1 – de maior qualidade – no mercado interno. Em termos de valor importado acumulado, o montante se manteve relativamente estável em US\$ 407,03 – queda de 0,1% ante o primeiro trimestre de 2023 – diante da expressiva baixa de 29,9% no preço médio de importação.

O caso do milho é similar ao observado para o trigo. Diante da desvalorização de 21,2% no preço médio de importação, com a tonelada sendo comercializada, em média, a US\$ 178,65, o volume do cereal destinado ao Brasil cresceu 28,8% no comparativo interanual, atingindo o montante acumulado de 243,79 mil toneladas importadas entre janeiro e março deste ano (tabela 4). Esse aumento na quantidade importada de milho reflete

a maior demanda da pecuária nacional, que busca custos mais baixos para a ração animal e, conseqüentemente, uma relativa recuperação das margens da atividade.

Principal item da pauta de importação do agronegócio brasileiro, o volume de pescados destinado ao país totalizou US\$ 90,67 mil toneladas no primeiro trimestre de 2024 – alta de 1,5% ante o resultado do mesmo período de 2023 (tabela 4). Em termos de preço médio de importação, o produto incorreu em valorização de 7,4% no comparativo interanual, com a tonelada atingindo a marca de comercialização de US\$ 5.347,73, em média, entre janeiro e março deste ano. Logo, o valor importado acumulado nesse período registrou a marca de US\$ 484,86 milhões, isto é, crescimento de 9% sobre os US\$ 444,67 milhões importados no primeiro trimestre de 2023.

A balança comercial do arroz registrou saldo negativo no primeiro trimestre de 2024. Enquanto o volume exportado pela rizicultura brasileira atingiu a marca de 190,4 mil toneladas (tabela 3), o Brasil importou cerca de 328,53 mil toneladas do cereal no período (tabela 4). Entre os fatores que explicam tal resultado, destacam-se: i) incerteza advinda das adversidades climáticas enfrentadas pelas áreas produtoras nacionais; e ii) a colheita tardia na comparação com a safra anterior. Como consequência, o mercado interno operou com preços nacionais acima das paridades de importação, de modo a estimular a obtenção do cereal no mercado internacional. No comparativo com o primeiro trimestre de 2023, o volume importado de arroz no último trimestre registrou alta de 23,6%, sob um cenário de valorização de 34,7% no preço médio de importação – em média, a tonelada do arroz foi importada a US\$ 596,14 entre janeiro e março deste ano. Em termos monetários, a importação brasileira de arroz acumulou US\$ 195,85 milhões nos primeiros três meses do ano, valor US\$ 78,27 milhões superior ao total importado pelo mercado nacional no primeiro trimestre de 2023.

O significativo aumento na importação brasileira de soja em grãos está diretamente atrelado à decisão do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), tomada em dezembro de 2023, de elevar de 12% para 14% o percentual obrigatório de adição de biodiesel na composição do óleo diesel nacional a partir de março de 2024. Particularmente, a comercialização do grão já em janeiro de 2024 apresentou expressiva alta de 1.690,6% e 1.828,3% em termos de valor e volume importado, respectivamente, ante janeiro do ano passado. Quando considerado o valor acumulado no primeiro trimestre, o comparativo entre 2023 e 2024 indica o crescimento de 102,6% no valor importado da soja em grãos *pari passu* com o aumento de 137,4% no volume destinado ao Brasil (tabela 4). Embora as cotações em Chicago estejam em trajetória de alta nos últimos meses, diante da valorização do óleo de soja oriunda da demanda do setor de biocombustíveis, o preço de importação da soja em grãos se manteve, em média, 14,7% abaixo dos valores praticados no mesmo período de 2023.

Apêndice

TABELA A.1

Exportações brasileiras do agronegócio, principais produtos – acumulado no ano até março

Produtos	Valor			Quantidade			Preço médio		
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ milhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ milhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (1 mil toneladas)	Jan./2024 a Mar./2024 (1 mil toneladas)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$/t)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$/t)	Variação (%)
Açúcar	2.255,47	4.773,74	111,7	4.999,92	8.901,00	78,0	451,10	536,32	18,9
Algodão	458,95	1.460,20	218,2	243,78	766,94	214,6	1.882,64	1.903,95	1,1
Café	1.854,33	2.423,85	30,7	478,86	672,07	40,3	3.872,40	3.606,53	-6,9
Complexo soja	13.938,25	12.444,53	-10,7	-	-	-	-	-	-
Soja em grãos	10.675,12	9.773,83	-8,4	19.097,91	22.093,48	15,7	558,97	442,39	-20,9
Farelo de soja	2.467,40	2.438,43	-1,2	4.541,57	5.220,33	14,9	543,29	467,10	-14,0
Óleo de soja	795,72	232,28	-70,8	653,38	242,55	-62,9	1.217,85	957,65	-21,4
Carnes	5.523,27	5.014,06	-9,2	-	-	-	-	-	-
Carne bovina	2.222,92	2.635,15	18,5	475,24	598,38	25,9	4.677,47	4.403,77	-5,9
Carne de frango	2.531,04	1.665,12	-34,2	1.285,05	928,10	-27,8	1.969,60	1.794,11	-8,9
Carne suína	640,69	586,36	-8,5	270,64	276,02	2,0	2.367,27	2.124,36	-10,3
Demais carnes	128,63	127,43	-0,9	75,43	75,21	-0,3	1.705,35	1.694,25	-0,7
Cereais	3.502,02	2.207,40	-37,0	-	-	-	-	-	-
Milho	2.826,98	1.626,53	-42,5	9.745,61	7.016,55	-28,0	290,08	231,81	-20,1
Trigo	552,12	464,39	-15,9	1.702,62	2.060,14	21,0	324,28	225,42	-30,5
Arroz	121,15	104,14	-14,0	301,11	190,40	-36,8	402,34	546,93	35,9
Demais cereais	1,77	12,34	595,4	6,44	60,57	841,0	275,64	203,69	-26,1
Produtos florestais	3.774,10	3.803,16	0,8	-	-	-	-	-	-
Celulose	2.210,97	2.195,49	-0,7	5.003,44	4.885,75	-2,4	441,89	449,37	1,7
Madeira	992,24	1.007,51	1,5	2.124,37	2.159,39	1,6	467,08	466,57	-0,1
Papel	568,60	597,76	5,1	494,68	614,42	24,2	1.149,44	972,87	-15,4
Demais produtos florestais	2,29	2,41	5,5	0,84	1,20	42,5	2.711,29	2.008,09	-25,9
Sucos	611,18	717,33	17,4	703,16	727,20	3,4	869,19	986,43	13,5
Demais produtos do agronegócio	3.883,47	3.989,65	2,7	-	-	-	-	-	-
Total do agronegócio	35.801,04	36.833,92	2,9	-	-	-	-	-	-

Fonte: Comex Stat/Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais (Secint).

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

TABELA A.2

Importações brasileiras do agronegócio, principais produtos – acumulado no ano até março

Produtos	Valor			Quantidade			Preço médio		
	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$ milhões)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$ milhões)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (1 mil toneladas)	Jan./2024 a Mar./2024 (1 mil toneladas)	Variação (%)	Jan./2023 a Mar./2023 (US\$/t)	Jan./2024 a Mar./2024 (US\$/t)	Variação (%)
Trigo	407,31	407,03	-0,1	1.160,84	1.656,04	42,7	350,87	245,79	-29,9
Milho	42,92	43,55	1,5	189,21	243,79	28,8	226,82	178,65	-21,2
Soja em grãos	41,58	84,22	102,6	84,34	200,23	137,4	492,97	420,62	-14,7
Arroz	117,58	195,85	66,6	265,75	328,53	23,6	442,45	596,14	34,7
Pescados	444,67	484,86	9,0	89,32	90,67	1,5	4.978,18	5.347,73	7,4
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	241,71	297,48	23,1	227,11	293,49	29,2	1.064,29	1.013,57	-4,8
Papel	236,17	223,39	-5,4	145,85	148,25	1,6	1.619,27	1.506,84	-6,9
Frutas (inclui nozes e castanhas)	184,96	239,79	29,6	134,74	156,47	16,1	1.372,71	1.532,55	11,6
Malte	212,38	178,61	-15,9	332,08	278,01	-16,3	639,53	642,47	0,5
Azeite de oliva	168,96	206,24	22,1	26,93	20,72	-23,1	6.274,46	9.954,97	58,7
Borracha	63,28	47,85	-24,4	42,55	30,06	-29,4	1.487,07	1.591,95	7,1
Rações para animais	88,09	84,31	-4,3	33,76	37,62	11,4	2.609,51	2.241,30	-14,1
Vinho	95,90	98,03	2,2	28,52	29,28	2,7	3.362,71	3.348,06	-0,4
Lácteos	258,48	244,88	-5,3	65,58	68,29	4,1	3.941,63	3.585,70	-9,0
Carne bovina	69,58	72,84	4,7	11,88	9,86	-17,0	5.855,46	7.386,10	26,1
Cacau e seus produtos	152,98	136,58	-10,7	50,77	33,23	-34,5	3.012,94	4.109,90	36,4
Demais produtos do agronegócio	1.611,16	1.557,01	-3,4	-	-	-	-	-	-
Total do agronegócio	4.437,68	4.602,53	3,7	-	-	-	-	-	-

Fonte: Comex Stat/Secint.

Elaboração: Coordenação de Crescimento e Desenvolvimento Econômico da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Maria Andréia Parente Lameiras (Editora substituta)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti
Mônica Mora y Araujo
Sandro Sacchet de Carvalho
Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Cristiano da Costa Silva
Debora Mesquita Pimentel
Felipe dos Santos Martins
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Beatriz de Luna Barreto
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Marcelo Guedes Pecky
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Equipe de Administrativa:

Amanda Fernandes Tatagiba
Lidiane Santos de Souza
Aline Conceição Santos
Rosanne Rodrigues Barbosa

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.
